

# CAPA DA EDIÇÃO

## OBRA:

Título: “Por que o senhor atirou em mim?”

Técnica: Acrílica sobre tela.

Dimensões: 30 x 25cm / 81 x 28cm

Fotógrafo: Renato Mangolin

## APRESENTAÇÃO CONCEITUAL DA OBRA:

Esse trabalho tem como um dos objetivos, denunciar a violência policial, entendendo-a como uma das manifestações da dominação estatal sobre os corpos pretos, dominação que encontra caminho no racismo estrutural. Esse sistema político de morte, definido por Achille Mbembe como necropolítica, exerce controle sobre quem morre e quem vive, e o que morre é o corpo que se diferencia das figuras de poder. São corpos que são vistos pelo Estado como “inimigos ficticiais”, corpos pretos, que são violentados, assassinados com 80 tiros enquanto passeiam na rua com a família, executados como Jhonata Dalber, um jovem de 16 anos, que apenas comia uma pipoca enquanto voltava pra casa, executados como Rodrigo Alexandre, um pai de família que esperava a esposa e os filhos com um guarda-chuva na mão, executados como William Carias, um estudante que usava o celular “confundido” com uma arma, executados como o trabalhador Hélio Barreira que usava uma furadeira na varanda de casa, ou como



o Dj João Vitor Dias que também carregava uma furadeira. Executados sem representar perigo algum, apenas viviam sua rotina comum, dentro ou fora de casa. Sabemos que a polícia militar diante da pele preta, não pensa, ela só atira. E é importante dizer que quem puxa o gatilho é o Estado racista.

Os policiais negros também são vítimas desse sistema, pois todos esses que são vistos como “inimigos” pelo Estado, são seus semelhantes, pessoas inocentes, e não sabemos as consequências que essas execuções têm na mente e na vida desses policiais que também sofrem as consequências do racismo. O jovem de 16 anos que foi executado enquanto carregava uma pipoca “confundida” com maconha, poderia ser o filho de um desses policiais negros, mas dificilmente seria o filho do policial branco.

A proposta da obra é refletir sobre as execuções da população negra pelo Estado, por esse sistema político que os define como inimigos ficticiais e mantém uma guerra que se torna cada vez mais evidente. O fator racial estruturante da formação brasileira determina o lugar de ocupação da população negra, e visto que não há espaço para todos nos lugares de poder, o interesse do Estado é excluir determinados grupos sociais para se manter nesse lugar. Isso reflete objetivamente em sua atuação, violentando corpos pretos em detrimento do branco.

As obras são compostas por uma série de 4 pinturas que retratam objetos que homens negros carregavam, e que foram confundidos com armas e drogas pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, que os executou em seguida.

## **ARTISTA: JULIANA TRAJANO DE SOUZA**

*E-mail: trajanojuu@gmail.com*

Graduanda do 6º período de Licenciatura em Artes Visuais pela UFRJ, moradora de Marechal Hermes, no Rio de Janeiro. Como artista tenho experimentado diversas linguagens, me identificando sobretudo com os trabalhos de instalação, audiovisual e pintura. Participei da Agência de Redes para a Juventude em 2015, tendo a experiência de auxiliar três grupos de jovens da comunidade do Batan no desenvolvimento de ideias autossustentáveis para si e para a comunidade, e após essa experiência comecei a participar do CASA - Coletivo artístico sustentável e alternativo (@plataformacasa) na Favela do Aço, que busca democratizar o acesso à arte, oferecendo oficinas artísticas para as crianças. Como resultado dessas oficinas, em 2018 fiz parte da curadoria coletiva na primeira exposição dos trabalhos das crianças no Centro Cultural Light, a exposição chamava-se "Crianças de Aço". No início de 2019 a mesma exposição foi levada ao Palacete Princesa Isabel, em Santa Cruz.

No final de 2018 expus também pela primeira vez, essa série de pinturas no Paço Imperial por meio da Bienal da Escola de Belas Artes. Um trabalho que teve início numa instalação artística que abordava o extermínio de pessoas negras pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. O objetivo deste trabalho era o de propor uma reflexão sobre o racismo estrutural do Estado, que se manifesta por meio da violência policial contra corpos pretos. Grande parte de minha produção começa a partir da busca de uma interação com o público, nas ruas, principalmente. Os trabalhos, em sua maioria, abordam as questões que perpassam meu dia-a-dia e até mesmo se iniciam observando essas questões e experiências cotidianas. São pensados para um determinado público-alvo, antes de tudo: os moradores do subúrbio e das periferias, mantendo uma preocupação constante com o quanto que o trabalho pode reverberar entre essas pessoas, que é o mais importante para mim.